

REFLEXÕES DO COMPANHEIRO FIDEL: A FORMIGA E O ELEFANTE

A gente julga que não há tema que valha a pena ser comentado sem aborrecer os pacientes leitores depois da Mesa Redonda de 12 de junho, que divulgou a nova edição de um livro publicado na Bolívia há 15 anos, desta vez com um prólogo meu. Foi lida nesse programa uma introdução elaborada posteriormente pelo presidente Evo Morales e uma mensagem da prestigiada escritora argentina Stella Calloni, que serão incluídos numa próxima edição. Escolhi cuidadosamente os dados que utilizei nesse prólogo.

Desde os primeiros anos da Revolução Cubana se desenvolveu um forte espírito internacionalista, que teve suas raízes no numeroso contingente de cubanos que participou da luta antifascista do povo espanhol e tornou suas as melhores tradições do movimento operário mundial.

Não costumamos divulgar nossa cooperação com outros povos, embora também não haja forma de impedir que a imprensa fale às vezes da mesma. Está motivada por sentimentos profundos que em nada se relacionam com a publicidade.

Alguns se perguntarão como é possível que um país pequeno com poucos recursos possa levar a cabo uma tarefa dessa magnitude em áreas tão decisivas como a educação e a saúde, sem os quais não se pode conceber a sociedade atual?

O ser humano criou os bens e serviços indispensáveis desde que vive em sociedade, e esta se desenvolveu desde as formas mais elementares até as mais avançadas ao longo de muitos milhares de anos.

A exploração do homem pelo homem foi companheira inseparável desse desenvolvimento, como todos sabemos ou deveríamos saber.

As diferenças no modo de perceber essa realidade dependeram sempre do lugar que cada um ocupava na sociedade. Via-se como uma coisa natural e a maioria esmagadora não tomou consciência disso.

Em pleno auge do capitalismo na Inglaterra, que ia à vanguarda junto dos Estados Unidos da América e outros países da Europa, no mundo já dominado pelo colonialismo e pelo expansionismo, um grande pensador e estudioso da história e da economia, Karl Marx, partindo das idéias dos mais prestigiados filósofos e economistas alemães e ingleses da época (entre eles Hegel, Adam Smith e David Ricardo, dos quais discordou), elaborou, escreveu e publicou suas idéias sobre as relações de produção e intercâmbio no capitalismo no ano de 1859 sob o título "Contribuição à Crítica da Economia Política". Em 1867, continuou divulgando seu pensamento com o primeiro volume de sua obra-prima, que o tornou famoso: O Capital. A maior parte do seu extenso livro, a partir de apontamentos e observações suas, foi editado por Engels, que partilhava de suas idéias e, como um profeta, divulgou sua obra depois da morte de Marx, em 1883.

O publicado pelo próprio Marx constitui a análise mais séria já escrita sobre a sociedade de classes e a exploração do homem pelo homem. Nasceu assim o marxismo, que foi o fundamento dos partidos e movimentos revolucionários que proclamavam o socialismo como objetivo, entre os quais estavam quase todos os partidos social-democratas que, quando estourou a Primeira Guerra Mundial, traíram a consigna sustentada por Marx e Engels no Manifesto Comunista, publicado pela primeira vez em 1848: "Proletários de todos os países, uni-vos!".

Uma das verdades que o grande pensador expressava textualmente de forma simples era: "Na produção social de sua vida os homens estabelecem determinadas relações necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção que correspondem a uma fase determinada de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. Não é a consciência do homem o que determina seu ser, antes pelo contrário, o ser social é o que determina sua consciência. Ao chegar a uma fase determinada de desenvolvimento das forças produtivas materiais da sociedade, entram em contradição com as relações de produção existentes... De formas de desenvolvimento das forças produtivas, essas relações se tornaram empecilhos seus, e se abre assim uma época de revolução social... Nenhuma formação social desaparece antes que se desenvolvam as forças produtivas que cabem dentro dela e jamais aparecem novas e mais elevadas relações de produção antes que as condições materiais de sua existência tenham amadurecido dentro da própria sociedade antiga."

Eu não poderia explicar com outras palavras esses conceitos claros e precisos emitidos por Marx de modo tal que, com uma elementar explicação de seus professores, até um jovem cubano dos que ingressaram no sábado 14 de junho na Juventude Comunista possa compreender sua essência.

Sobre o desenvolvimento concreto da luta de classes, Marx escreveu "A luta de classes na França de 1848 a 1850" e "18 Brumário de Luis Bonaparte", duas excelentes análises históricas que deleitam qualquer leitor. Era um verdadeiro gênio.

Lênin, continuador profundo do pensamento dialético e das investigações de Marx, escreveu duas obras fundamentais: "O Estado e a Revolução" e "O imperialismo, fase superior do capitalismo". As idéias de Marx, postas em prática real por ele com a Revolução de Outubro, foram igualmente desenvolvidas por Mao Tsé Tung e outros líderes revolucionários no Terceiro Mundo. Sem elas, a Revolução Cubana também não teria eclodido no quintal dos Estados Unidos.

Se o pensamento marxista se tivesse circunscrito simplesmente à idéia de que "nenhuma formação social desaparece antes que se desenvolvam todas as forças produtivas que cabem dentro dela", o teórico do capitalismo Francis Fukuyama teria tido razão ao proclamar que o desaparecimento da URSS era o fim da História e das ideologias e devia cessar toda resistência ao sistema capitalista de produção.

Na época em que o criador do socialismo científico expôs suas idéias, as forças produtivas ainda precisavam se desenvolver plenamente; a tecnologia ainda não tinha contribuído com as mortíferas armas de destruição em massa capazes de provocar o extermínio da espécie; não existia o domínio aerospacial, a dilapidação sem limites de hidrocarbonetos e combustíveis fósseis não-renováveis; a mudança climática não era conhecida em uma natureza que parecia infinita para o ser humano, nem se apresentara a crise mundial de alimentos para dividir entre inúmeros motores de combustão e uma população seis vezes superior ao 1 bilhão que habitava o planeta no ano em que nasceu Karl Marx.

A experiência de Cuba socialista aconteceu quando o domínio imperial se estendera por toda a Terra.

Ao falar da consciência não me refiro a uma vontade capaz de mudar a realidade, mas, pelo contrário, ao conhecimento da realidade objetiva que determina a conduta a seguir.

Dezenas de milhões de pessoas morreram na guerra provocada em meados do século XX pelo fascismo, que nasceu da entranha anti-marxista do capitalismo desenvolvido previsto por Lênin.

Em Cuba, como em outros países do Terceiro Mundo, a luta pela libertação nacional sob a direção das camadas médias e da pequena burguesia, e a que já vinham realizando pelo socialismo os setores mais avançados da classe operária e os camponeses, se juntaram e se potencializaram mutuamente. Surgiram também as contradições ideológicas e de classe. Os fatores objetivos e subjetivos variavam consideravelmente em cada processo.

Da última guerra mundial surgiram as Nações Unidas e outros organismos internacionais, nos quais muitos viram uma nova consciência no planeta. Era um engano.

O fascismo, cujo instrumento o próprio Hitler chamou de Partido Nacional-Socialista, renasceu mais poderoso e ameaçador do que nunca.

O império envia e mantém porta-aviões em todos os mares do mundo para intervir militarmente. O que decide visando concorrer com Cuba na área de nosso hemisfério? Enviar um enorme navio convertido em hospital flutuante que trabalha dez dias em cada país. Poucas pessoas podem ser ajudadas, porém está muito longe de resolver os problemas de um país; não compensa também o roubo de cérebros nem pode formar os especialistas de que precisa para prestar verdadeiros serviços médicos a qualquer dia da semana e do ano. Todos os porta-aviões juntos, que agora são instrumentos de intervenção militar nos diversos oceanos da Terra, convertidos em hospitais não poderiam prestar esses serviços aos milhões de pessoas que os médicos cubanos atendem em lugares afastados do mundo, onde mulheres parem, nascem crianças e há doentes que precisam de atendimento urgente.

Nosso país tem demonstrado que pode resistir a todas as pressões e ajudar outros povos.

Meditava sobre a magnitude da nossa cooperação não apenas na Bolívia, mas também no Haiti, no Caribe, em vários países da América Central e na América do Sul, África, e até na longínqua Oceania, a 20 mil quilômetros de distância. Lembrava igualmente as missões da Brigada Henry Reeve, em casos de graves emergências, viajando nos nossos próprios aviões, transportando pessoal e outros recursos.

O um milhão de operados de vista, gratuitamente, a cada ano na América Latina e no Caribe de que temos falado, não está longe de ser alcançado. Podem acaso competir os Estados Unidos com Cuba?

Utilizaremos a computação não para fabricar armas de destruição em massa e exterminar vidas, mas para transmitir conhecimentos a outros povos. Do ponto de vista econômico, o desenvolvimento da inteligência e da consciência dos nossos compatriotas, graças à Revolução,

não só nos permite cooperar com os povos que mais necessitam, sem custo algum, mas também exportar serviços especializados, incluídos os de saúde, a países com mais recursos do que nossa pátria. Nesse terreno os Estados Unidos não poderiam concorrer jamais com Cuba. Nosso pequeno país resistirá.
Em poucas palavras: A formiga pode mais que o elefante!

Fidel Castro Ruz
18 de junho de 2008